



UNIPAC
Barbacena

UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

Relação entre o sofrimento no trabalho e o uso de psicofármacos

Melissa Andretto de Paula¹

Samuel Augusto do Nascimento²

RESUMO

A saúde mental é um assunto muito importante que tem sido abordado em diversas perspectivas, a fim de compreender as questões psicológicas dos sujeitos, as interações sociais, o comportamento humano e a relação entre o psíquico e o biológico. Dessa forma, um aspecto de extrema importância no desenvolvimento humano é a saúde atrelada ao trabalho, pois durante toda a vida os indivíduos são expostos a afirmação de que sem uma ocupação não há satisfação pessoal e que não existe uma vida sem o trabalho; assim, esta revisão bibliográfica visa abordar as questões relacionadas ao trabalho, insatisfação profissional, adoecimento físico e psicológico e também apresentar quais os meios utilizados pelos indivíduos como um escape dessa realidade, como o uso inapropriado dos psicofármacos.

Palavras-chave: Trabalho; Saúde mental; Psicodinâmica do trabalho; Psicofármacos.

INTRODUÇÃO

Na antiguidade o trabalho constituiu-se como uma ferramenta de sobrevivência, em que, o mesmo era controlado por aqueles que detinham maior poder financeiro e que julgavam-se capazes de discriminar quais atividades eram consideradas como importantes e influentes e quais funções eram subalternas. Essa diferenciação dos ofícios, fez com que houvesse grande hostilidade entre os povos, pois as funções subalternas - como o trabalho braçal - eram destinadas aos escravos, que passaram a ser vistos como seres inferiores e indignos de respeito.

¹ Aluna do Centro Universitário Presidente Antônio Carlos - Barbacena. 182-000926@aluno.unipac.br

² Aluno do Centro Universitário Presidente Antônio Carlos - Barbacena. 192-000397@aluno.unipac.br



UNIPAC
Barbacena

UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

Seguidamente, durante séculos a visão do trabalho foi sendo modificada por meio dos avanços no desenvolvimento de ferramentas, descobertas de novas profissões, criação de novos meios de comercialização, entre outros. Com isso, um marco muito relevante que influenciou a história do trabalho foi a Revolução Industrial, que teve início na Inglaterra na segunda metade do século XVIII; pois foi através dela que originaram-se as conhecidas organizações de sistema fabril, o que acarretou em um notável desenvolvimento econômico e tecnológico.

Durante a Revolução Industrial foram desenvolvidas as máquinas a vapor e as ferramentas destinadas à indústria têxtil; esse novo contexto fez com que o trabalho rural e artesanal fosse substituído pelas atividades industriais, em que ocorreu uma migração dos moradores do campo para as cidades em busca de novas oportunidades de desenvolvimento financeiro. Todavia, essa transição da vida rural para as cidades, ocasionou em mudanças bruscas na vida da população, com uma longa jornada de serviço - entre 12 a 16 horas por dia -, o emprego de crianças - a partir dos sete anos - nas fábricas, péssimas condições de moradia e alimentação; provocando assim um descontentamento e insatisfação com as injustiças do capitalismo industrial.

Posto isso, a perspectiva do trabalho durante a Revolução foi abordada por diversos autores, entre eles Christophe Dejours (1987), em sua obra *“A Loucura do Trabalho”*, na qual, o mesmo relata sobre as lutas operárias que buscavam pelo direito à vida e a liberdade de organização. Esse movimento foi de suma importância pois acarretou em marcos que transformaram a dinâmica do trabalho, entre eles constata-se:

[...] o limite de idade abaixo do qual as crianças não terão mais direito de serem postas a trabalhar; a proteção das mulheres; a duração do trabalho propriamente dito; o trabalho noturno; os trabalhos particularmente penosos, aos quais não se terá mais o direito de submeter certas pessoas; o repouso semanal. (DEJOUR, Christophe. *A Loucura do Trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. 1987. Página 17)

À vista disso, como abordado anteriormente, o trabalho é compreendido como um meio de sobrevivência e até mesmo o auge da vida do sujeito e este



UNIPAC
Barbacena

UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

muitas das vezes, é visto como causador de adoecimento que pode gerar psicopatologias (como o transtorno de ansiedade e depressão, por exemplo). Dessa forma, vê-se que a saúde mental é algo que não é muito discutido nem, de certo, entendido de maneira correta, pois historicamente os setores trabalhistas não mostram muita preocupação com esta quando se tratam de motivos de adoecimentos e/ou afastamentos.

Posto isso, os indivíduos não constituem-se apenas na esfera do trabalho, pois antes mesmo de adquirirem um papel social, suas vidas e peculiaridades são desenvolvidas socialmente, por meio do contato com a família, amigos e a comunidade que se encontram. A psicologia associada ao trabalho, deve sempre respeitar as outras áreas da vida do sujeito, não impossibilitando-o de ter acesso a elas e compreendendo que o trabalho não deve reduzi-lo a uma mera ferramenta de produção, pois o mesmo pode contribuir significativamente para a empresa com seus conhecimentos. Portanto, é cabível de entendimento, que não é apenas o trabalho que pode gerar um sofrimento no sujeito, porém este têm se mostrado como um dos principais causadores de adoecimento, como a desmotivação, insatisfação, a angústia e até mesmo as psicopatologias, fazendo com que haja uma busca incessante por psicofármacos e até mesmo drogas ilícitas.

Por conseguinte, Dejours (1994) propõe o estudo da Psicodinâmica do Trabalho, que visa compreender a relação do homem com o seu ofício e como este pode influenciar em sua saúde mental dependendo da maneira como é organizado e distribuído socialmente. A compreensão desse contexto é relevante pois atualmente constata-se uma desregulação do trabalho, com a precariedade, desemprego, exploração, assédio, sobrecarga, etc.; uma vez que, esses fatores afetam diretamente a saúde mental e o comportamento dos indivíduos, que vivem como se essas inúmeras pressões fossem algo natural.

O que pode ser afirmado no artigo *“Ensaio sobre psicodinâmica do trabalho”* de João Areosa, que cita Dejours (1999):

A normalidade é interpretada como o resultado de uma composição entre o sofrimento e a luta (individual e coletiva) contra o sofrimento no trabalho. Portanto, a normalidade não implica ausência de

sofrimento, muito pelo contrário. Pode-se propor um conceito de 'normalidade sofrente', sendo, pois, a normalidade não o efeito passivo de um condicionamento social, de algum conformismo ou de uma 'normalização' pejorativa e desprezível, obtida pela 'interiorização' da dominação social, e sim o resultado alcançado na dura luta contra a desestabilização psíquica provocada pelas pressões do trabalho (DEJOURS, 1999, p. 36 *apud* AREOSA, Ensaio sobre psicodinâmica do trabalho. 2021, p. 323).

Adentrando a perspectiva do sofrimento e com base nesse estudo, têm-se por finalidade compreender a relação que existe do homem com seu trabalho e o que faz com que este busque alternativas para facilitar seu manejo ou até mesmo para "fugir" da sua realidade laboral e se essas questões estão relacionadas com o sofrimento causado pelo mesmo. Busca-se por meio deste, realizar uma revisão bibliográfica, a fim de compreender a relação que há entre o sujeito e seu trabalho e, em razão disto, verificar as possíveis psicopatologias que podem ser desencadeadas a partir do trabalho e por fim entender o porquê da busca por medicamentos psicofármacos.

1. ASPECTOS HISTÓRICOS DA PSICOLOGIA DO TRABALHO

A psicologia do trabalho se deu no período industrial, ou seja, inúmeras mudanças e transformações se deram por meio das Revoluções Industriais a partir da década de 1760. De acordo com Leão (2012), esse processo de mudanças ocorreu por meio do êxodo rural, surgimento e avanço das fábricas e gerando problemáticas no contexto social, como por exemplo a condição de vida e trabalho. Dessa forma, a psicologia do trabalho tem como uma de suas características principais a interdisciplinaridade, ou seja, é caracterizado por estar ligado com outros campos de conhecimento como por exemplo a sociologia, antropologia, psicanálise, entre outros.

Com isso, é possível compreender que, a psicologia do trabalho, mesmo apresentando diversidade, tem como foco central estudar os processos organizacionais e do trabalho, ou seja, visa compreender as ações das instituições enquanto provedoras de emprego - o próprio trabalho em si - e dos colaboradores; e como eles lidam com o trabalho (e o manuseio). Portanto, a psicologia do trabalho



UNIPAC
Barbacena

UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

atua na promoção e prevenção de saúde, onde mantém sua atenção concentrada em auxiliar na manutenção dos setores organizacionais e no próprio trabalho do sujeito. Considerando isso:

Um elemento central para o campo das relações psicologia e trabalho é a categoria organização, compreendida para além da esfera industrial, compreendendo variados tipos de ambientes como hospitais, sindicatos, organizações do terceiro setor – por isso denominada de psicologia organizacional. (LEÃO; Psicologia do Trabalho: Aspectos Históricos e Abordagens, e Desafios Atuais, p. 296, 2012).

Dessa forma, é possível compreender que o trabalho que o sujeito realiza está atrelado ao grupo social que ele pertence, ou seja, sua motivação, seu empenho e dedicação no trabalho são reflexos do que ele vive em sociedade e dos grupos os quais ele pertence. Em suma, o psicólogo organizacional não se limita apenas em atender as demandas do setor trabalhista, mas também nas necessidades do trabalhador considerando suas queixas, e analisando o ambiente de trabalho desse sujeito, o manejo do trabalho, por exemplo.

Vale lembrar que o sujeito é um indivíduo biopsicossocial e suas demandas são biológicas (físicas), psíquicas e sociais, e isso deve ser ponderado mediante as demandas desse sujeito. Então, o fazer do psicólogo visa atender ambas as demandas sem que o foco organizacional se perca e que a qualidade de vida do sujeito seja mantida e assim a qualidade de trabalho do mesmo.

2. SOFRIMENTO E PRAZER NO TRABALHO

A clínica do trabalho fora desenvolvida na França no início do Século XX especificamente entre a Primeira e Segunda Guerra Mundial, e após, se consolidou e passou a ser chamada de Psicopatologia do Trabalho onde permitiu estudos aprofundados acerca das doenças do trabalho e possibilitar um monitoramento, ou seja, uma investigação sobre as possíveis causas das doenças relacionadas ao trabalho, que por sua vez, investiga a relação do adoecimento com as atividades laborais. Dessa forma, a partir de 1992, foram feitas pesquisas, a partir da Psicodinâmica do Trabalho, que relacionavam o sofrimento e/ou prazer no trabalho



UNIPAC
Barbacena

UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

e as patologias mentais com as realizações, conquistas, bem-estar, advindos do trabalho.

Posto isso, mesmo a clínica possuindo uma vasta diversidade, pode-se compreender que a Psicodinâmica do Trabalho não é apenas uma ramificação da clínica, ela tem seu enfoque na análise e na compreensão das patologias, sofrimento, prazer, promoção e prevenção de saúde relacionados ao trabalho.

Esta nova conjuntura relaciona-se sem dúvida com o facto de muitos dos psicanalistas receberem pacientes cujo pedido inicial diz respeito ao seu sofrimento no trabalho. Como fazer face a uma problemática relacionada com o trabalho quando se parte do corpo teórico freudiano? Para responder a esta questão, o melhor é sem dúvida começar pela análise daquilo que convoca a subjetividade na relação com o trabalho. Mais do que procedermos a uma 4 investigação acerca dos efeitos patogênicos do trabalho, como se faz habitualmente quando a discussão se dirige a outras disciplinas, é talvez mais idóneo examinar de que modo a Psicodinâmica do Trabalho pode contribuir para a teoria da sublimação. (DEJOURS, A sublimação, entre o sofrimento e o prazer no trabalho. Pág. 10.).

Deve-se considerar a subjetividade do sujeito a fim de, compreender suas queixas a respeito do trabalho, sendo esse um dos grandes motivos de adoecimento, portanto, existe uma diferenciação sobre o trabalho que é prescrito, ou seja, o que deve ser feito – ou as instruções -, e o que é realizado (atividade), ou melhor, a forma como o trabalhador desenvolve o seu trabalho. Então, “desta abordagem do trabalho pela Ergonomia e pela clínica do trabalho, depreende-se que o trabalho é aquilo que o próprio trabalhador precisa de inventar e acrescentar às prescrições para que as coisas corram bem” (DEJOURS, pág. 12).

Para Dejours, entende-se que o sujeito tem instruções a respeito de seu trabalho, porém seu manejo pode ser diferente por encontrar uma forma de facilitar o mesmo. Entretanto, essa facilidade pode se tornar uma possível doença (física e/ou mental), pois assim seu trabalho será facilitado e este pode não se dar conta de um adoecimento.

3. O MUNDO DO TRABALHO EM REANÁLISE



UNIPAC
Barbacena

UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

A Ergonomia do trabalho está relacionada com os estudos do homem com trabalho a fim de, possibilitar melhoras em seu ambiente profissional, ou seja, ela foca na melhora das condições de trabalho do sujeito, e Dejours, focando dentro desse viés trouxe estudos sobre uma dicotomia complexa, pois apresentam os dois lados de um ambiente ocupacional (onde um dá a ordem e o outro acata) que é o trabalho prescrito e o trabalho real, onde são caracterizados por ter uma ordem de execução, um planejamento, a forma como é visto e como é organizado, e o outro diz da parte prática, como esse trabalho é executado seguindo essa lógica ou não, respectivamente. Assim, “os desvios ao trabalho prescrito não são apenas uma forma de desobediência ao controle hierárquico, são acima de tudo - volto a frisar - uma necessidade imperativa para conseguir realizar o trabalho de forma eficiente.” (AREOSA, 2019).

Visto isso, vê-se que, um dos agravantes para o adoecimento por conta do trabalho é o capitalismo, onde este assume um peso significativo diante a sociedade, pois o sujeito busca inúmeras formas diferentes de realizar seu trabalho com intuito de receber mais - quanto mais se trabalha mais dinheiro recebe - e não percebe o quanto pode estar adoecendo.

De fato a economia (ou o lucro) é o que move a sociedade, ou seja, para ter é necessário comprar e para isso têm-se duas perspectivas: a primeira é para ter, onde é fundamental que tenha capital – dinheiro – para poder adquirir o que deseja e esse é um dos meios que faz a economia girar; a segunda é que, para ter, alguém tem que ter feito, ou produzido, ou manuseado e, sendo assim, alguém trabalhou para o produto chegar ao mercado para ser consumido/adquirido. Considerando isso, é possível entender que o crescente consumo faz com que o mercado demande de mais “mão de obra”, onde a linha de produção não pode parar e é cada vez mais cobrada. Dessa forma:

Foi também por isso que no mundo atual do trabalho as pessoas se tornaram descartáveis e este tipo de práticas originou um verdadeiro batalhão de trabalhadores precários e um exército de desempregados. A pobreza e a exclusão alastram-se num mundo de crescente produção e abundância, pois nunca tantos recursos



UNIPAC
Barbacena

UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

estiveram tão concentrados - e assimetricamente distribuídos - na história da humanidade. O capital passou a ter um valor superior ao próprio Homem. (AREOSA, O mundo do trabalho em (re)análise : um olhar a partir da psicodinâmica do trabalho. 2019).

Torna-se possível compreender que o homem perdeu seu valor e, apenas o obtém, quando tem poder aquisitivo de compra, pois a grande minoria – que na verdade é a maioria – está focada em trabalhar para a economia não parar e prover dentro de casa. Diante disso, percebe-se que há um grande risco de adoecimento por conta da pressão, da cobrança e que mesmo que haja uma conscientização, empresas que tem linha de produção acabam por exagerar não se atém aos seus colaboradores, já que o número de desempregados é cada vez maior, em outras palavras, compreende-se que por mais que o sujeito esteja doente e podendo ser afastado por acidente/adoecimento, certas empresas manterem sua política interna e não se atualiza mesmo sabendo de riscos que corre.

4. COMPETITIVIDADE E SUBMISSÃO

Dejours (1999) aborda a ocorrência de uma guerra na sociedade, em que as armas utilizadas não seriam armas físicas, mas tratariam dos sacrifícios individuais e coletivos realizados em nome da razão econômica. Assim, essa guerra fundamenta-se no desenvolvimento da competitividade, na manutenção da saúde das empresas, passando por cima de certos princípios, como se o fim justificasse os meios; utilizando de intervenções de remanejamento, rebaixamento, marginalização ou dispensa, que poderá causar nos indivíduos sofrimento, aflições, entre outros.

Com isso, Dejours (1999) discorre que para os empresários o mais importante é manter a competitividade, para que se possa vencer os concorrentes, fazendo-os desistir ou cair em falência. Assim, essa guerra chamada de “sã” causa diversos estragos, inclusive para empresas médias e pequenas, que por serem mais vulneráveis, quando confrontadas pelas grandes empresas acabam fechando suas portas. Contudo, os estragos são maiores do que muitos podem imaginar, não se concentrando na destruição de uma empresa, mas desdobram-se em incertezas,



UNIPAC
Barbacena

UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

desgaste físico e emocional, no medo, na demissão de funcionários, diminuição da renda de várias famílias, sofrimento psíquico, entre muitos outros fatores.

Outro aspecto importante abordado nesta obra é a questão de que os empresários tão focados no sucesso de suas empresas não conseguem enxergar os estragos relacionados à derrota de seus adversários, como se essa competitividade não acarretasse em uma dor para aqueles que perdem. Dessa forma, Dejours apresenta seu ponto de vista, transmitindo a responsabilidade para os proprietários, que participam dessa guerra, sobre seus atos.

Não partilho dessa opinião. Minha experiência junto aos dirigentes diz, ali, que eles estão cientes dos riscos que correm, mas que, em sua maioria, não querem mudar o rumo. Por quê? Porque contam que, nessa guerra, seus adversários serão os primeiros a se esgotar, e então eles reinarão na paz restabelecida. (DEJOURS, Christophe. A banalização da injustiça social. Pág. 14. 1999)

Posto isso, a guerra é justificada por aqueles que nela estão por trazer muitos benefícios aos vencedores, não havendo dívidas, mas sendo justificada apenas pelo desfrute de uma riqueza e da prosperidade de suas empresas; ressaltando que como em qualquer guerra existe um lado vencedor e um lado perdedor e que as baixas são compreensíveis. Desse modo, cabe um questionamento importante: por que essa guerra, uma estrutura tão competitiva, tem funcionado tão bem ao longo dos anos?

Dejours (1999) afirma que existem duas respostas a essa pergunta, a primeira é que essa guerra iniciou-se de maneira inevitável, instaurando-se em virtude da lógica econômica; assim, a guerra surgiria de forma natural, como resultado das leis inevitáveis da ciência econômica. A segunda resposta relaciona-se com a compreensão da existência de leis econômicas que foram constituídas socialmente por homens, estando diretamente ligada com o mercado e com a globalização, ou seja, está relacionada com o desenvolvimento industrial e econômico da sociedade.



UNIPAC
Barbacena

UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

Por conseguinte, esse sistema da guerra “sã” funciona apenas por que os indivíduos aceitam participar maciçamente dela. Assim, em sua obra, Dejours (1999) busca compreender as relações de dominação, em por que algumas pessoas aceitam padecer em sofrimento e outros aceitam infringir esse sofrimento. Essa dominação desdobra-se em um sofrimento crescente nos que trabalham, pois os mesmos vão perdendo a esperança de que a situação em que se encontram poderá melhorar e vão se convencendo de que seus esforços, sua dedicação, sua boa vontade, seus “sacrifícios” pela empresa que integram, só agravam mais seu sofrimento; que quanto mais produtivos forem, mais competitivos forem, mais seus superiores os ameaçam para que continuem nesse processo de submissão.

5. SAÚDE MENTAL E A MEDICALIZAÇÃO

Com a pandemia da COVID-19, doença infecciosa causada pelo coronavírus, a sociedade se mostrou fragilizada e atrelou essa fragilidade à saúde mental fazendo com que procurassem ajuda psicológica, a fim de compreender questões emocionais advindas das perdas, ansiedade e depressão por exemplo. Então, parte da demanda era de trabalhadores que perderam o emprego ou tiveram que se adaptar ao novo modelo de *home office*, dado o contexto pandêmico e era evidente o quanto a saúde mental da população estava afetada, principalmente dos trabalhadores.

Desse modo, a medicalização e/ou automedicação vem sendo alternativas utilizadas pelos indivíduos em sofrimento, que tiveram um aumento considerável durante e após o contexto pandêmico; pois em meio essa busca constante de satisfação e ansiedade constante, os mesmos acabam encontrando o caminho mais fácil e rápido para amenizar os sintomas e mascarar seus problemas emocionais e sociais, utilizando assim de diversos medicamentos que irão “suprir” suas necessidades. Portanto, essas questões desdobram-se de diversas maneiras na vida de cada sujeito, podendo acarretar no desenvolvimento de patologias atreladas a falta de saúde e ao desgaste contínuo em seu ambiente de trabalho; sendo assim, os indivíduos têm buscado por maneiras de amenizar os sintomas negativos



UNIPAC
Barbacena

UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

relacionados ao trabalho como uma forma de estabelecer uma satisfação pessoal mesmo que seja uma “felicidade” artificial.

Essa sobrecarga pode provocar um sofrimento, que desencadeará em transtornos psicológicos, como a síndrome de burnout, que se dá exclusivamente por meio do trabalho e pode ser definida pelo nível de exaustão emocional, despersonalização e baixa realização profissional onde o diagnóstico é obtido em indivíduos que atuam diretamente com outras pessoas (bancários, professores, policiais, funcionários que atuam nos hospitais). Em outras palavras, a burnout é definida como um fenômeno ligado ao trabalho que afeta a saúde do profissional, resultante de um estresse crônico no ambiente laboral que não foi administrado com êxito (PERNICIOTTI et al., 2020). Com essa realidade de sofrimento e insatisfação, a medicalização torna-se a rota de fuga principal para os trabalhadores.

A utilização de psicofármacos, dentre eles a medicação ansiolítica, está geralmente relacionada às situações de sofrimento. Observa-se no cotidiano das unidades de saúde, muitas pessoas em busca de medicação para aliviar este sofrimento, bem como para as dificuldades para dormir. (SILVA e MEDEIROS; Relato de experiência: Apoio Matricial à Estratégia Saúde da Família Para Conscientização do Uso de Psicofármacos; p. 219,220; 2018)

Deste modo, ALMEIDA *et al.* (2021), afirmam que os psicofármacos são medicamentos utilizados para auxiliar no tratamento psicoafetivo indesejado podendo ocasionar em transtornos emocionais ou comportamentais. Os mesmos são medicamentos que atuam diretamente no SNC (Sistema Nervoso Central) e tem como principal função tratar as demandas psíquicas, sendo utilizados no tratamento de transtornos comportamentais e de humor, onde podem ser nomeados, como antidepressivos, ansiolíticos, hipnóticos, antipsicóticos. De acordo com SILVA e MEDEIROS (2018) é necessário que haja cuidado ao utilizar os psicofármacos, pois o uso indevido e/ou contínuo, além de causar efeitos adversos pode causar dependência.

6. ESTRESSE NO TRABALHO



UNIPAC
Barbacena

UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

O termo estresse relaciona-se a um conjunto de reações psicológicas e/ou fisiológicas que afetam o comportamento dos indivíduos; assim, na perspectiva da psicologia o estresse compreende-se como um conjunto de estímulos aversivos que provocam uma excitação emocional, atrapalhando o equilíbrio biológico e disparando adrenalina no organismo do sujeito, o que, conseqüentemente, acarretará em manifestações internas e externas, como distúrbios fisiológicos e psicológicos.

O senso comum considera o estresse somente como impaciência e nervosismo, entretanto, ao analisar o contexto atual da vida em sociedade, torna-se possível observar grande pressão e tensão em todas as esferas da vida dos indivíduos, algo que se estende até o ambiente de trabalho. Assim sendo, Prado (2016) aborda que os trabalhadores sofrem um grande impacto com as mudanças econômicas, tecnológicas e sociais demandadas na sociedade, pois os mesmos encontram-se em um cenário repleto de competitividade, concorrência acirrada e exploração de mão-de-obra; o que, conseqüentemente ocasiona em desgastes fisiológicos e psicológicos.

Posto isso, Prado (2016) também aborda a questão do estresse ocupacional, ressaltando que:

O conjunto e a divisão de tarefas que compõem a carga de trabalho do profissional estão associados a importantes estressores laborais, os quais podem sofrer agravos significativos em razão de condições precárias de organização do trabalho, que vão desde a baixa valorização e remuneração, descompasso entre tarefas prescritas e realizadas, até a escassez severa de recursos e problemas de infraestrutura. (PRADO, Cláudia. Estresse ocupacional: causas e conseqüências. Pág. 287. 2016).

Por conseguinte, o estresse ocupacional (estresse no trabalho) relaciona-se a estímulos estressores decorrentes do ambiente de trabalho que desencadeiam no indivíduo conseqüências físicas e/ou psicológicas negativas quando exposto a eles; o que posteriormente poderão ser manifestos nas relações interpessoais com a equipe de trabalho, no desempenho organizacional, na saúde e também nas relações sociais externas.



7. USO DE PSICOFÁRMACOS

O uso de psicofármacos, de maneira geral, está relacionado com tratamentos oferecidos para quem foi diagnosticado com algum tipo de psicopatologia, depressão, transtorno de ansiedade, transtorno de bipolaridade, por exemplo. Portanto, quando se entende a razão pelo qual o sujeito está doente, uma das formas é tratá-lo com medicamento e, uma das razões que levam um sujeito, a fazer uso de psicofármacos, dentro de um contexto laboral, é insegurança, estresse e mudanças no trabalho (setor, quantidade de trabalho, por exemplo) e isso é visto, também, como uma possibilidade – por muitos como a única – de melhorar suas condições dentro do trabalho, em outras palavras, é dar conta de realizar seu trabalho de forma integral.

Está relacionado, também, com a infraestrutura e as condições que este local (empresa) dá para o sujeito (trabalhador) realizar o seu trabalho. Posto isso, nas décadas passadas, a medicina compreendia que o uso de psicoativos era a melhor maneira de tratar os indivíduos acometidos de toda e qualquer doença e desconsiderava as questões subjetivas de cada um, e, dessa forma, até na presente década, a medicalização ainda é uma das formas que a sociedade encontrou de “facilitar” seu trabalho (o manejo) não considerando um tratamento e nem uma possível psicopatologia.

A intervenção médica pela busca da modulação dos sintomas no indivíduo era e continua sendo o objetivo último da maioria dos tratamentos, enquanto a sociedade se adoeca e as relações intersociais do indivíduo são solenemente ignoradas para efeito de diagnóstico e tratamento.(PEREIRA; Estresse no Trabalho e o Uso de Psicofármacos no Brasil, p.13, 2021).

Compreende-se que, o avanço tecnológico e as alterações que vêm ocorrendo dentro do setor trabalhista, são inerentes ao século XX, onde estes podem causar desemprego e adoecimento. Dessa forma, são mudanças que estão atreladas com o adoecimento psíquico do sujeito, onde tais mudanças mexem com o que o sujeito compreende do trabalho. Dejours (1987), estudioso que investiga o sofrimento e adoecimento advindos do trabalho, afirma que o sofrimento é, também,



UNIPAC
Barbacena

UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

relacionado com o trabalho, onde “exigências de esforço laboral além da capacidade operante do trabalhador se tornam uma ameaça permanente, levando ao sofrimento psíquico.” (PEREIRA, p.13, 2021).

Com isso, pode-se compreender que o uso de psicofármacos está relacionado, também, com o trabalho – infraestrutura e manejo - onde o sujeito, muitas das vezes, busca o sentido do trabalho e o que ele representa em sua totalidade e como ele influencia em sua vida. O sentido do trabalho, então, está ligado com o prazer e sofrimento, onde o sujeito tenta conciliar sua vida pessoal com sua profissional e usufruir do que é ofertado, porém este pode ser levado a um ciclo vicioso que pode impedi-lo de exercer seu papel nas outras áreas da sua vida e acabar “vivendo” em função do trabalho – aqui se dá o sofrimento. Portanto, o local de trabalho (empresa, patrão, por exemplo) não pode se esquecer dos benefícios que seus funcionários possuem e dos seus direitos para que este não adoça e possa contribuir de maneira positiva e efetiva para o crescimento do seu local de trabalho.

METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica exploratória e descritiva, em que, as bases *online* selecionadas para o estudo foram SciELO e Google Acadêmico. Na busca inicial foram considerados os artigos de revisão, títulos e os resumos dos artigos para a seleção ampla de prováveis trabalhos de interesse, sendo destacados os textos completos dos artigos, utilizando-se como palavras chaves os termos trabalho, saúde mental e psicofármacos.

Foram utilizados como critérios de inclusão os textos publicados entre 2019 e 2023. Sendo encontrados no total 14 artigos relacionados às palavras-chaves selecionadas; entretanto, após uma leitura crítica, somente 6 artigos foram escolhidos para serem articulados em uma discussão com o tema abordado.

Quadro 1: Relação dos artigos encontrados nas plataformas utilizadas.



UNIPAC
Barbacena

UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

Palavras-chaves	Google Acadêmico	SciELO	Total
Trabalho/Saúde Mental	3	3	6
Estresse ocupacional	1	4	5
Psicofármacos	2	1	3
			14

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

ANÁLISE DA PESQUISA

O trabalho exerce uma importante função na vida em sociedade, como abordado anteriormente; o mesmo articula com todas as esferas da vida dos indivíduos, podendo afetar positivamente ou negativamente sobre elas. Dessa forma, Galhardo (2020) aborda essas questões e discute como as mudanças no trabalho e em seus sistemas, aflige os trabalhadores. A autora discorre sobre a reestruturação do trabalho e a influência que a tecnologia exerceu sobre ele, em que, muitas áreas de atuação pararam de existir, aumentando assim a taxa de desemprego e conseqüentemente promovendo incerteza sobre quais profissões poderiam futuramente surgir ou desaparecer.

Essa incerteza sobre o futuro acarreta em grande ansiedade nos indivíduos, pois, transmite uma percepção de que os esforços e toda a experiência profissional não seriam suficientes para a manutenção de seus cargos e que a qualquer momento poderiam ser substituídos. Assim, os trabalhadores começam a sentir-se desvalorizados, o que conseqüentemente pode afetar em suas produções, nas relações de trabalho e externas a ele, na lealdade à empresa, promovendo um maior esgotamento profissional e um desprazer no trabalho.

Posto isso, para compreender melhor sobre a influência que essas mudanças podem causar, Baptista *et.al.* (2022) realizou um estudo exploratório com os profissionais da área da saúde que atuavam na linha da frente da pandemia da COVID-19, pois o cenário pandêmico abalou diretamente a rotina dos mesmos,



UNIPAC
Barbacena

UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

levando a uma precarização do trabalho, escassez de pessoal, fragilidade nas relações de trabalho, falta de equipamento de proteção individual (PDI), afloramento das emoções como medo e insegurança e medo de contaminar suas famílias. Por meio desse estudo, constatou-se um alto índice de sofrimento no trabalho, com um agravamento no esgotamento profissional, decorrente da brusca mudança na carga de trabalho e também pelo medo decorrente de contaminação.

Todo esse cenário de mudanças, reestruturação, incertezas e medo, promove na classe trabalhista muita ansiedade e afeta a saúde física e psicológica dos mesmos. À vista disso, Garcia *et al.* (2019) apresenta o crescimento nos relatos de estresse no trabalho devido a sobrecarga das altas demandas e falta de reconhecimento do papel social. Como posto no seguinte enxerto:

Dentre os impactos do estresse ocupacional na saúde, inclui-se o fato de que o mundo do trabalho e suas mudanças têm requerido demandas crescentes dos trabalhadores, tais como: contratos temporários, maior carga e pressão do trabalho [...], mudanças no papel feminino no mundo do trabalho [...], e desequilíbrios entre a vida profissional e pessoal [...] (GARCIA, Átala *et al.* Estresse ocupacional na mídia impressa: uma perspectiva de Christophe Dejours. 2020. Pág. 2).

Além disso, de acordo com Azevedo (2019), outros fatores podem ser geradores de estresse na vida do sujeito, como as condições de trabalho, a função do indivíduo, relacionamento interpessoal, fatores relacionados com desenvolvimento de carreira, clima organizacional e interface casa e trabalho. Entretanto, os geradores de estresse ocupacional são estímulos originados do estresse no trabalho que acarretam em consequências físicas e/ou psicológicas, onde estes podem afetar na forma que o sujeito trabalha e como ele vê – compreende - o seu trabalho.

Portanto, a literatura afirma que o estresse não é capaz de gerar enfermidades no organismo, mas a insatisfação, vulnerabilidade e situações que fazem com que o sujeito não dê conta de enfrentar, e assim reaja biologicamente, podendo gerar transtornos que muitas das vezes não são fáceis de controlar e a Síndrome de Burnout é um exemplo (AZEVEDO *et al.*, 2019).



UNIPAC
Barbacena

UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

Por conseguinte, a medicalização não está relacionada apenas com a dispensação, mas também em como a medicina se posiciona frente às diferentes razões que levam o sujeito a buscar auxílio - ou tratamento. Portanto, devem ser considerados os aspectos da vida do sujeito, suas particularidades, suas questões emocionais e subjetivas, principalmente suas razões orgânicas ou físicas (ALVARENGA; DIAS, 2020).

Ainda neste sentido, a busca pela saúde e qualidade de vida tem feito com que a sociedade se torne cada vez mais dependente das medicações não só psicofármacos, mas também de outras classes, como analgésicos, antimicrobianos, suplementos vitamínicos e antiinflamatórios. Entretanto, a indústria farmacêutica permite de certa forma, uma “falsa sensação” de autonomia no sujeito fazendo com que este mesmo não tendo diagnóstico médico, se automedique aumentando a chances de complicações e até mesmo o óbito (SANTOS *et al.*, 2019).

Todavia, a Organização Mundial da Saúde (OMS) preconiza que, o tratamento do paciente seja apropriado e condizente respeitando as dosagens, tempo e de custo acessível; Ainda assim, deve haver cuidado e atenção nos atendimentos para que os tratamentos propostos sejam feitos de maneira adequada para que não tenha risco de dependência, uma vez que os pacientes buscam apenas a prescrição desconsiderando, muita das vezes, um acompanhamento multiprofissional (SANTOS, *et al*, 2019).

À vista disso, esse descontentamento profissional promove uma despersonalização dos sujeitos; pois os mesmos encontram-se presos em seus papéis sociais, insatisfeitos com a profissão que exercem, sobrecarregados com as altas demandas e com as cobranças de seus superiores. Assim, os trabalhadores começam a buscar alternativas para sanar esse sofrimento, adentrando no uso de medicamentos por conta própria e posteriormente na ingestão de psicofármacos. Compreende-se então, a necessidade de um acompanhamento multiprofissional - como abordado anteriormente - para que esses profissionais possam ser



UNIPAC
Barbacena

UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

acompanhados e acolhidos, a fim de tratar esse adoecimento desde os fatores que o estimularam.

CONCLUSÃO

É passível de conhecimento que a saúde mental não possui muita visibilidade no contexto social e tudo que está atrelado a ela é visto como irrelevante, por exemplo, nas décadas passadas os indivíduos que apresentavam sintomas depressivos eram vistos como fracos e problemáticos e por meio de analisando-se criticamente o contexto de trabalho e vida social da maioria dos indivíduos em nossa sociedade, constata-se que existe um esgotamento coletivo, grande insatisfação profissional, desgaste das relações sociais, ansiedade, estresse e muitas das vezes, ocorre devido uma intolerância muito grande em relação à equipe de trabalho.

Quando imagina-se as questões sociais e constitutivas da vida dos sujeitos, observa-se a importância de todo o contexto social em que os indivíduos estão inseridos e que devemos compreendê-lo como uma construção de tudo aquilo que permeia seu ambiente social e a sua interação com o mesmo. Por meio desse pensamento, podemos analisar como as experiências cotidianas dos sujeitos influenciam no seu comportamento com os outros e também no ambiente de trabalho, podendo assim então auxiliar no processo de análise e compreensão dessa busca constante pelo uso de medicamentos para diminuir o sofrimento pessoal.

O ambiente laboral, apesar de ser o local onde se dá o sustento para sobrevivência, pode ser também um local adoecedor, onde as condições inadequadas de trabalho podem levar o sujeito ao estresse, que se recorrente pode afetar seu desempenho profissional, vida familiar, relacionamento interpessoal, ou seja, o mesmo afeta a vida deste sujeito e os contextos sociais em que vive. Portanto, o estresse que o ambiente de trabalho pode causar no sujeito, tende a levá-lo ao adoecimento gerando patologias e/ou psicopatologias, o que conseqüentemente pode ocasionar ao uso de psicofármacos e estes por sua vez,



UNIPAC
Barbacena

UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

são medicamentos que podem contribuir para a melhora dos sintomas e possibilitar qualidade de vida ao sujeito.

Com base nas pesquisas feitas para compor o presente trabalho, as mesmas referem-se a campos específicos, relacionando o sofrimento com adoecimento e o uso de psicofármacos. Ainda neste sentido, há pontos que devem ser ponderados, como as condições de trabalho, a falta de assistência quanto às prescrições médicas, o desamparo dentro das organizações, as pressões sofridas no ambiente profissional e a desvalorização dos funcionários. Em outras palavras, a pouca assistência que há quanto ao cuidado com os trabalhadores faz com que o âmbito ocupacional, torne-se extremamente adoecedor e suscetível ao desenvolvimento de psicopatologias.

Assim, esses indivíduos buscam por prescrição médica, como as realizadas nas UBS (Unidade Básica de Saúde), pois a falta de acompanhamento destes pacientes possibilita o fácil acesso à essas medicações, em que, o médico apenas re-prescreve sua receita e não questiona ou sugere um tratamento adequado; pois o uso de Psicofármacos deve ter um acompanhamento de profissionais capacitados para que o tratamento seja efetivo e não comprometa a vida do paciente. Essa alternativa satisfaz o desejo do trabalhador por um curto período de tempo, visto que, o uso indevido desses medicamentos constitui-se como prejudicial à saúde, por apenas mascarar os sintomas e não tratar os contextos e fatores que a estimularam.

Em síntese, constatou-se que o esgotamento profissional e o sofrimento no trabalho são temas cada vez mais abordados pela classe trabalhista, contudo, por meio desta revisão bibliográfica foram encontrados diversos artigos voltados para o adoecimento dos profissionais da área da saúde - como médicos e enfermeiros - desfalcando as outras profissões; assim, verificou-se a necessidade de mais pesquisa e desenvolvimento de obras relacionadas ao contexto organizacional, por conter grande parte da população em seus cargos.



UNIPAC
Barbacena

UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

Observa-se a necessidade de maiores aprofundamentos em relação à busca por psicofármacos, pois essa realidade vem se tornando cada vez mais frequente na vida dos indivíduos pelas altas demandas e baixas perspectivas de realização profissional. Ressalta-se também que é imprescindível a inserção dos profissionais da psicologia nos ambientes organizacionais, para que o mesmo possa realizar os encaminhamentos e proporcionar um lugar de fala aos trabalhadores, para que consequentemente possam ter acesso a todo o processo de saúde mental e não cheguem ao uso dos psicofármacos.

Causal link between suffering at work and the use of psychotropic drugs

ABSTRACT

Mental health is a very important subject that has been approached from different perspectives, in order to understand the psychological issues of subjects, social interactions, human behavior and the relationship between the psychic and the biological. Thus, an extremely important aspect of human development is health linked to work, as throughout their lives individuals are exposed to the statement that without an occupation there is no personal satisfaction and that there is no life without work; Thus, this literature review aims to address issues related to work, professional dissatisfaction, physical and psychological illness and also to present the means used by individuals as an escape from this reality, such as the inappropriate use of psychotropic drugs.

Key-words: *Work. Mental health. Psychodynamics of Work. Psychopharmaceuticals.*



UNIPAC
Barbacena

UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

<https://docplayer.com.br/24920304-A-sublizacao-entre-sofrimento-e-prazer-no-trabalho-1.html>. Acesso em 04 de Novembro de 2022.

DIAS, F. S.; ANGELICO, A. P. **Síndrome de Burnout em Trabalhadores do Setor Bancário: Uma Revisão de Literatura**. Temas Psicologia. São Paulo. v. 26, n. 1, p. 15-30, mar. 2021. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/sci.php?script=sci_arttext&pid=51413-389X2018000100002&Lng-pt&nrm-isso. Acesso em 15 de Setembro de 2023.

GALHARDO, Priscila. **Subjetividade e saúde mental nos modelos flexíveis de trabalho**. Brazilian Journal of Development. 2020. Disponível em:

<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/19154>. Acesso em 10 de Novembro de 2023.

GARCIA, Átala et.al. **Estresse ocupacional na mídia impressa: uma perspectiva de Christophe Dejours**. Trabalho, Educação e Saúde. 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/tes/a/8wDJy5ZpCQLZmLtZpTh9q5v/?lang=pt>. Acesso em 12 de Novembro de 2023.

LEÃO, L. **Psicologia do trabalho: aspectos históricos, abordagens, e desafios atuais**. ECOS: Estudos Contemporâneos da Subjetividade: A importância da produção acadêmica. Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 291-305, 2012. Disponível em: <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/1008>. Acesso em 04 Novembro de 2022.

MOURÃO, L. **Sufrimento no Trabalho e a Atuação de Psicólogos em Diferentes Contextos Laborais**. Psicologia: Ciência e Profissão. São Paulo. v.41, p. 1-5. Disponível em: <http://doi.org/10.1590/1982-3703003022020>. Acesso em: 22 abr. 2023.

ORNELLAS, Thuê Ferraz. **Aspectos históricos, culturais e sociais do trabalho**. Revista Brasileira de Enfermagem - REBEn. 2006. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/reben/a/HqyzDDq4GTJRvYmjJkMwqcq/#> . Acesso em 26 de Setembro de 2023.

PEREIRA, J. M. **Estresse no trabalho e o uso de psicofármacos no Brasil**. REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFMG. Disponível em:

<http://hdl.handle.net/1843/43612>. Acesso em 3 de Dezembro de 2022.

PERNICIOTTI, P. et al. **Síndrome de Burnout nos profissionais de saúde: atualização sobre definições, fatores de risco e estratégias de prevenção**.

SBPH. Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 35-52, jun./2020. Disponível em:

https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582020000100005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 15 de Setembro de 2023.



UNIPAC
Barbacena

UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

PRADO, Cláudia Eliza P. **Estresse ocupacional: causas e consequências.** UNICASTELO. Rev Bras Med Trab. São Paulo. 2016. Disponível em: <https://portalidea.com.br/cursos/gesto-do-stress-apostila03.pdf>. Acesso em 27 de Outubro de 2023.

SEBASTIÃO, E. C. O. *et al.* **O abuso de psicofármacos na atualidade e a medicalização da vida.** Brazilian Journal of Health and Pharmacy, [S. l.], v. 1, n. 4, p. 6–10, 2019. Disponível em: <https://www.bjhp.crfmg.org.br/crfmg/article/view/61>. Acesso em 10 de Novembro de 2023.

SILVA, C. L., MEDEIROS, P. R. M. S. **Relato de experiência: apoio matricial à estratégia Saúde da Família para conscientização do uso de psicofármacos.** RESAP: Revista Científica da Escola Estadual de Saúde Pública de Goiás "Cândido Santiago". Goiás. v. 4, n. 3, p. 216-226, dez./2005. Disponível em: <http://www.revista.esap.go.gov.br/index.php/resap/article/view/88>. Acesso em 21 de Abril de 2023.

SILVA, Leandra; SALLES, Taciana. **O estresse ocupacional e as formas alternativas de tratamento.** ReCaPe - Revista de Carreiras e Pessoas. São Paulo. 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/ReCaPe/article/view/29361>. Acesso em 27 de Outubro de 2023.